Revista Práxis Pedagógica (RPP) e-ISSN: 2237-5406

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

Paulo Freire e a EJA: possibilidades com as Cartas Pedagógicas

Paulo Freire y EJA: posibilidades con las letras pedagógicas

Paulo Freire and the EJA: possibilities within the Pedagogical Letters

Eliana Nunes da Silva Tinti[1]
Universidade Estadual de Maringá

Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula[2]
Universidade Estadual de Maringá

Resumo
Paulo Freire (1921-1997) deixou pressupostos teórico-práticos que fundamentam a educação dialógica e emancipadora. A presente pesquisa, por defender a filosofia freiriana nas práticas pedagógicas, estudar as Cartas Pedagógicas enquanto gênero dialógico, crítico e reflexivo e, por fim, por entender as contribuições ímpares de Paulo Freire à Educação de Jovens e Adultos (EJA), elenca o problema de pesquisa: Como as Cartas Pedagógicas têm sido utilizadas na Educação de Jovens e Adultos no Brasil na produção acadêmica sobre essa área? O artigo objetiva analisar o uso das Cartas Pedagógicas em pesquisas na Educação de Jovens e Adultos no Brasil. A metodologia foi a pesquisa bibliográfica de tipo revisão sistemática de literatura. Os resultados revelam nove pesquisas que utilizaram as Cartas Pedagógicas enquanto instrumentos de denúncias da realidade opressora e anúncios de transformações a partir da Educação. As conclusões reafirmam o caráter dialógico, emancipatório, reflexivo e crítico da escrita e uso das Cartas Pedagógicas.
Palavras-chave: cartas pedagógicas; educação de jovens e adultos; Paulo Freire; revisão de literatura.

Resumen
Paulo Freire (1921-1997) dejó premisas teóricas y prácticas que sustentan la educación dialógica y emancipadora. Esta investigación, al defender la filosofía freiriana en las prácticas pedagógicas, estudiar las Cartas Pedagógicas como un género dialógico, crítico y reflexivo y, finalmente, comprender las contribuciones únicas de Paulo Freire a la Educación de Personas Jóvenes y Adultas (EJA), presenta el siguiente problema de investigación: ¿Cómo se han utilizado las Cartas Pedagógicas en la Educación de Personas Jóvenes y Adultas (EJA) brasileña y en la literatura académica sobre este campo? El artículo tiene como objetivo analizar el uso de las Cartas Pedagógicas en la investigación sobre Educación de Personas Jóvenes y Adultas en Brasil. La metodología utilizada fue una revisión sistemática de la literatura. Los resultados revelan nueve estudios que utilizaron las Cartas Pedagógicas como instrumentos para denunciar realidades opresivas y anunciar transformaciones a través de la educación. Las conclusiones reafirman el carácter dialógico, emancipador, reflexivo y crítico de la escritura y el uso de las Cartas Pedagógicas.
Palabras clave*: cartas pedagógicas; educación de personas jóvenes y adultas; Paulo Freire; revisión de la literatura.*

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Bolsista da Capes. *E-mail*: e.nunes.t.lima@gmail.com – ORCID: https://orcid.org/0009-0007-1185-8458.
[2] Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. *E-mail*: ematpaula@uem.br – ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8619-7558.

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

Abstract
Paulo Freire (1921-1997) left theoretical and practical assumptions that substantiate the dialogical and emancipatory education. This paper, supporting Paulo Freire's liberating perspective in pedagogical practices, studying the Pedagogical Letters as a dialogical, critical and reflexive genre, and understanding Paulo Freire's contributions as essential to the Youth and Adult Education (EJA), outlines the following research problem: How have Pedagogical letters been used in Youth and Adult Education in Brazil in the academical papers of this field? Thus, it is aimed to analyze the use of Pedagogical Letters in studies involving Youth and Adult Education in Brazil. The methodology was the bibliographic research in the form of a systematic literature review. The results reveal nine studies that used Pedagogical Letters as instruments that condemn oppressive realities while also advocating towards the transformations through Education. The conclusions validate the dialogical, emancipatory, reflective and critical character of the writing and use of Pedagogial Letters.
Keywords*: pedagogical letters; youth and adult education; Paulo Freire; literature review.*

1 INTRODUÇÃO

A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (Brasil, 1996) postula que um dos princípios-base do ensino é a garantia de acesso à educação e à aprendizagem ao longo da vida. Isto posto, a modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma maneira de assegurar o direito à educação daqueles que não concluíram, ou que não chegaram a cursar a Educação Básica na idade estipulada.

Os primeiros registros desta modalidade no Brasil revelavam um caráter assistencialista da educação. Somente na década de 1940 o analfabetismo de adultos começou a ser percebido como um grave problema social. As iniciativas governamentais da época visavam "recuperar" os adultos analfabetos que eram considerados os documentos oficiais como "incapacitados". Paiva (1987) critica que a alfabetização era entendida como um processo mecânico e havia falta de pagamento dos professores, más condições estruturais por falta de verbas e materiais didáticos não apropriados à população adulta.

Na década de 1960 surgiram Iniciativas para EJA a partir de movimentos populares que, segundo Paiva (1987), eram realizadas por meio das emissoras de rádio católica. Para a autora, embora de origem religiosa, o movimento contava com encarregados não-religiosos que almejavam um trabalho desvinculado do evangelho.

Neste mesmo período, os Centros Populares de Cultura (CPC) começaram a surgir por todo o território nacional, sendo o primeiro deles resultado de uma iniciativa da União Nacional dos Estudantes (UNE). De início, os CPCs focaram na difusão da cultura e arte de conteúdo político, almejando a transformação do país (Paiva, 1987). Somente em 1963 o CPC da UNE "pensou em cuidar também do problema da

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

alfabetização, chegando a levantar a possibilidade de organização de uma Universidade de Cultura Popular" (Paiva, 1987, p. 233) e criando material didático próprio a ser utilizado.

Strelhow (2010) destaca que o enfoque na cultura e saber popular nesses programas foi resultado da influência da pedagogia freiriana. As experiências de alfabetização de trabalhadores nordestinos conduzidas por Paulo Freire (1921-1997) e seus colegas nas décadas de 1940, 1950 e 1960 contaram com um viés mais cidadão, humanizador e transformador para com este grupo (Souza; Paula, 2016).

Paulo Freire buscava uma educação horizontal, opondo-se ao processo vertical em que o professor "doa" os conteúdos ao aluno (Freire, 2021b; 2021d) pois, fundamentalmente, negaria o diálogo, a reflexão e a conscientização: aspectos ímpares de sua pedagogia. A pedagogia freiriana busca uma educação emancipatória, isto é, libertadora (Freire, 2021b). Para o educador, as pessoas se libertam ao (re)conhecerem suas histórias e culturas e, concomitantemente, ao tomarem consciência crítica dos fenômenos ao seu redor (Freire, 2021b). O resultado desta Pedagogia da Libertação é o surgimento de pessoas que se reconhecem no coletivo e almejam lutar pela libertação de si e de seus colegas (Freire, 2021d).

Paulo Freire adverte sobre a tendência de os oprimidos aderirem aos ideais do opressor: "na verdade, o que pretendem os opressores é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime" (Freire, 2021d, p. 84). Nesse aspecto a opressão é vista como uma pessoa e não como uma consequência de uma sociedade desigual em que os direitos se transformam em privilégios.

Frequentemente a escola reflete a lógica opressora, tornando-se disseminadora da educação bancária, neutra, não problematizadora e desinteressada dos saberes discentes (Freire, 2021b). Contrário a essa perspectiva, Paulo Freire propõe a dodiscência, que diz respeito às trocas de saberes entre educandos e educadores: "quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado" (Freire, 2021c, p. 25). Essa relação fundamenta-se na amorosidade e no diálogo, categorias centrais da pedagogia freiriana.

> Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que essencialmente [é a] tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. [...] [O amor] é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (Freire,

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

2021d, p. 110-11).

Portanto, defendemos que a prática educativa deve ser essencialmente dialógica, resistente às estruturas opressoras e comprometida com a transformação social. Ademais, Freire (2021d, p. 56) defende: “nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos”. Pensar a EJA sob a perspectiva freiriana implica reconhecer a pluralidade de suas pessoas. Arroyo (2017, p. 24) lembra-nos que esta modalidade é construída pela “coexistência, encontro e confluência de identidades coletivas”. Não se trata de um público homogêneo de analfabetos, mas de trabalhadores marcados por experiências de classe, raça e gênero. A EJA, adverte Arroyo (2017), é também um dos espaços em que se tornam mais evidentes as hierarquias sociais (de raça, classe, gênero, etnia…) historicamente reproduzidas pela e na escola.

Arroyo (2017) e Freire (2021b) argumentam que os currículos se configuram como desafios nesta modalidade por não contemplarem as condições concretas de vida destes estudantes que, na maior parte do dia, são trabalhadores. Lemos,

> Dessa forma são tão importantes para a formação dos grupos populares certos conteúdos que o educador lhes deve ensinar, quanto a análise que eles façam de sua realidade concreta. E, ao fazê-lo, devem ir, com a indispensável ajuda do educador, superando o seu saber anterior, de pura experiência feito, por um saber mais crítico, menos ingênuo. O senso comum só se supera a partir dele e não com o desprezo arrogante dos elitistas por ele (Freire, 2001, p. 16).

A Pedagogia Freiriana, que é humanizadora, dialógica, libertadora e amorosa, apresenta as Cartas Pedagógicas como possibilidades de promoção de escritas criativas e autorais para diferentes modalidades de ensino. Paulo Freire gostava de escrever através de Cartas Pedagógicas para comunicar seus escritos, como nas seguintes obras: “Professora, sim; Tia, não: Cartas a quem ousa Ensinar” (Freire, 2024), “Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos” (Freire, 2022) e “Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha Vida e minha Práxis” (Freire, 2021a).

De acordo com Coelho (2011), Dickmann (2020) e Paula (2023), estudiosos das Cartas Pedagógicas, elas são mais que simples instrumentos de comunicação ou de avaliação da escrita: elas constituem registros de diálogo, convites à reflexão e à ação coletiva. As Cartas Pedagógicas se configuram como práticas de escrita e leitura que fortalecem o diálogo e a reflexão sobre a *práxis*, envolvendo tanto o autor quanto

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

o leitor que, idealmente, revezam-se nestes papéis (Coelho, 2011). A escrita constitui momento de reflexão sobre si, sobre o mundo e sobre a própria prática pedagógica (Paula, 2023); a leitura, por sua vez, instiga reflexões e respostas às problemáticas propostas pelo autor que, conforme adverte Coelho (2011), podem vir no formato de novas questões.

A justificativa deste estudo é a busca de compreensão das Cartas Pedagógicas como instrumentos de trabalho nas práticas educativas desenvolvidas na ou com indivíduos da Educação de Jovens e Adultos por conta das características dialógicas, emancipatórias e críticas inerentes a este gênero de escrita freiriano. Logo, o nosso problema de pesquisa deste artigo é: Como as Cartas Pedagógicas têm sido utilizadas na Educação de Jovens e Adultos no Brasil na produção acadêmica sobre essa área?

Este artigo é reflexo de uma monografia de conclusão de Curso de Pedagogia de uma Universidade pública no noroeste do Estado do Paraná. O objetivo do presente artigo é analisar o uso das Cartas Pedagógicas em pesquisas na Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Os objetivos específicos foram fazer um mapeamento das produções acadêmicas sobre Cartas Pedagógicas no Brasil e analisar categorias de modo quali-quantitativo dessas Cartas Pedagógicas nessas pesquisas.

Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica em bases de dados on-line *Google* Acadêmico, SciELO, Portal de Periódicos da Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), cujo recorte temporal foi de 10 anos (2014-2024). Os resultados de nossa pesquisa revelaram 09 (nove) trabalhos, sendo 01 (um) capítulo de livro, 03 (três) artigos, 04 (cinco) dissertações e 01 (uma) tese. As produções acadêmicas utilizaram as Cartas Pedagógicas com educandos e docentes da EJA e, mesmo que o conteúdo varie de acordo com o grupo, as escritas apresentaram denúncias de opressão, registros da vida, anúncios de esperança e reflexões acerca da modalidade.

Dividimos o artigo em quatro seções: A Introdução, que apresenta brevemente o histórico da modalidade de Educação de Jovens e Adultos, a Pedagogia de Paulo Freire e as Cartas Pedagógicas, articulando as temáticas entre si. A seção da Metodologia conta com a sistematização dos caminhos metodológicos percorridos. A parte dos Resultados e Discussões traz análises quanti-qualitativas dos dados levantados a fim de entender o uso das Cartas Pedagógicas em pesquisas com sujeitos na EJA e, por fim, a seção de Considerações Finais reúne as principais

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

reflexões do trabalho.

2 METODOLOGIA

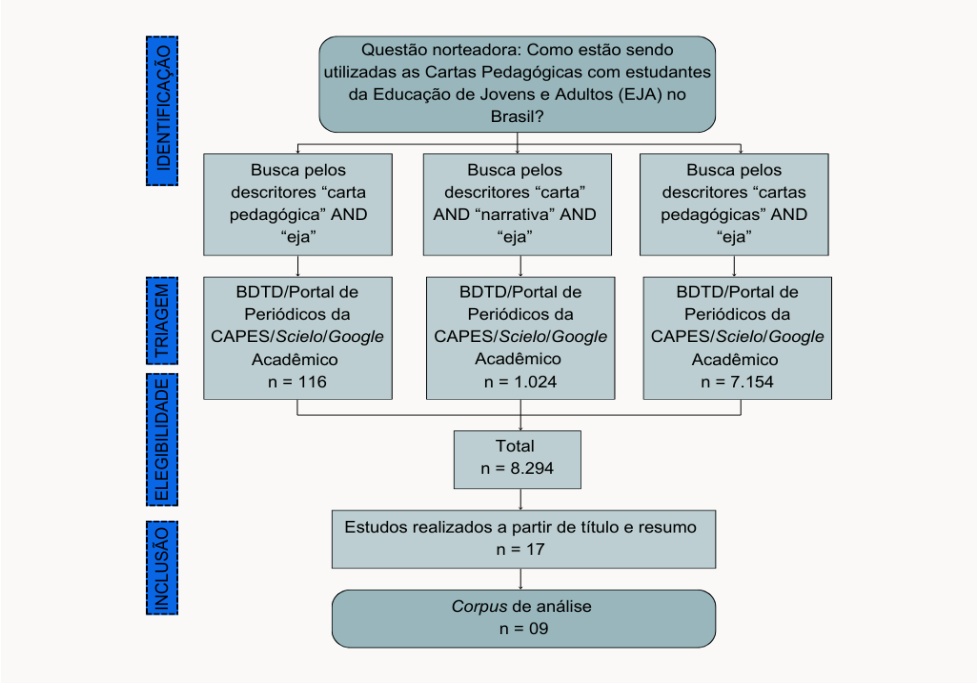
Optamos por uma pesquisa bibliográfica de tipo revisão sistemática de literatura. Segundo Severino (2017, p. 93), a revisão de literatura enquanto metodologia é “aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores […] [de maneira que] os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados”. Restringimos nossas buscas a artigos, capítulos de livro, teses e dissertações nas bases de dados digitais *Google* Acadêmico, SciELO, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Periódicos da Capes com o recorte temporal de uma década (2014-2024).

A partir do levantamento dos dados elencamos dois critérios de inclusão: i) a presença da palavra “carta”, “cartas”, “narrativa”, “narrativas”, “educação de jovens e adultos” e/ou “EJA” no título e ii) a presença de práticas pedagógicas com Cartas Pedagógicas envolvendo os sujeitos da EJA. Como critério de exclusão, desconsideramos trabalhos que tratavam de outros gêneros textuais epistolares (como cartas pessoais, cartas ao leitor, entre outras) que não as Cartas Pedagógicas.

Utilizamos a seguinte lista de descritores em nossas buscas: “carta pedagógica”, “cartas pedagógicas”, “carta”, “narrativa”, “educação de jovens e adultos” e “EJA”, que foram combinados pelo operador booleano *and*. Encontramos oito mil duzentas e noventa e quatro (8.294) pesquisas no total. Após a análise inicial por meio da leitura dos títulos e resumos, foram selecionadas dezessete (17) pesquisas, as quais foram lidas na íntegra. Por meio da leitura detalhada, reduzimos o *corpus* de análise para nove (9) publicações, pois cinco estudos não atenderam aos critérios de inclusão definidos para sua elegibilidade, conforme demonstrado na Figura 1.

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

Figura 1 - Fluxograma do processo de Busca e Seleção das pesquisas.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Das pesquisas descartadas, uma quantidade significativa tratava-se de estudos que utilizaram o gênero Carta Pedagógica durante o momento de escrita das dissertações ou teses: os autores transformaram as seções em Capítulos-Carta, uma prática que nos remete aos Livros-Carta de Paulo Freire.

A próxima seção apresentará as produções selecionadas para compor o *corpus* de análise.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para fins organizacionais, elaboramos um quadro (Quadro 1) contendo as informações gerais das nove pesquisas encontradas: tipo, ano e local de publicação; título do trabalho; autores/as e suas Instituições de Ensino Superior (IES) no momento da publicação.

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

Quadro 1 - Informações gerais das Pesquisas Selecionadas

(continua)

Trabalhos em ordem de publicação	Título (ano)	Autor (Instituição de Ensino Superior/IES)	Tipo de Publicação (Local)
T1	Chá de Cartas: Memórias dos Sujeitos da EJA em Cena (2019)	Rayssa Aguiar Borges (Universidade de Brasília/UnB)	Tese (Brasília)
T2	O fio e a missanga: pensando a formação docente a partir de narrativas de experiência na alfabetização de jovens e adultos (2021)	Daniel de Oliveira (não consta no artigo) Mairce Araújo (Universidade Estadual do Rio de Janeiro/Uerj)	Artigo (Belo Horizonte)
T3	Cartas Pedagógicas: uma inspiração freireana (2022)	Carla Luz Salaibb Dotta (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/UERGS) Elisete Enir Bernardi Garcia (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS)	Artigo (Santa Cruz do Sul)
T4	As vozes dos Egressos da EJA no Ensino Superior: as Cartas Pedagógicas como possibilidade de diálogo (2022)	Carla Luz Salaibb Dotta (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/UERGS)	Dissertação (Osório)
T5	Saberes e Práticas Pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos: um estudo na rede estadual de Campo Maior - PI (2023)	Francisco das Chagas da Paz Soares (Universidade Federal do Piauí/UFPI)	Dissertação (Teresina)
T6	A Epistemologia Decolonial e os pressupostos da Autonomia Freiriana na Formação de Professores da EJA: a (re)existência e resistência das culturas negadas (2024)	Ivana Patrícia Sena de São Pedro (Universidade do Estado da Bahia/Uneb)	Dissertação (Salvador)

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

Quadro 1 - Informações gerais das Pesquisas Selecionadas

(conclusão)

Trabalhos em ordem de publicação	Título (ano)	Autor (Instituição de Ensino Superior/IES)	Tipo de Publicação (Local)
T7	Cartas às mulheres: a EJA e o acesso à Universidade (2024)	Eliane Caetano da Rosa (Universidade Federal do Pampa/Unipampa).	Dissertação (Jaguarão)
T8	”Esperançar” em tempos de Pandemia na Formação de Professores da EJA, na cidade de Manaus (2024)	Maria Olindina Andrade de Oliveira (Universidade Federal do Amazonas/UFAM) Therêncio Correâ da Silva (Universidade Federal do Amazonas/Ufam).	Capítulo de Livro (Guarujá)
T9	Memória de vida: a importância das narrativas autobiográficas dos estudantes da EJA (2024)	Alexandra Henrique Ferreira (Universidade Metodista de São Paulo/UNESP) Elaine Gomes Vilela (Universidade Metodista de São Paulo/Unesp).	Artigo (Curitiba)

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

A fim de melhor explorar os dados levantados, organizamos nossas análises em duas perspectivas: análises quantitativas e análises qualitativas.

3.1 Análise quantitativa das produções

Em vista do recorte temporal de uma década (2014-2024) e nossos achados estarem concentrados nos últimos cinco anos (2019 a 2024), concluímos que o interesse pela temática de Cartas Pedagógicas aumentou no período da pandemia do Covid-19.

O trabalho mais antigo é a tese da pesquisadora Borges (2019). Em seguida, em 2021, foi publicado 1 (um) artigo (Oliveira; Araújo, 2021). Em 2022 foi defendida 1 (uma) dissertação (Dotta, 2022) e outro 1 (um) artigo foi publicado (Dotta; Garcia,

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

2022). Em 2023, outra dissertação 1 (uma) foi defendida (Soares, 2023). Por fim, em 2024, 2 (duas) dissertações foram defendidas – São Pedro (2023) e Rosa (2024) –, 1 (um) capítulo de livro (Oliveira; Silva, 2024) e 1 (um) artigo (Ferreira; Vilela, 2024) foram publicados. Verificamos a ausência de produção acadêmico-científica no período de 2014 a 2018 e no ano de 2020.

A seguir, a Tabela 1 expõe as produções levantadas (artigos, capítulos de livro, dissertações e teses) em categorias de acordo com suas regiões brasileiras de origem[3] e seus vínculos (quando existentes) com IES.

Tabela 1 - Informações acerca das Regiões Brasileiras e Instituições de Ensino Superior das Produções Selecionadas

Regiões brasileiras	**Artigos (A) Capítulos de Livro (C) Dissertações (D) Teses (T)**				**Instituições de Ensino Superior (IES)**					**TOTAL**
	A	C	D	T	Fede-ral	Esta-dual	Revista de IES privada	Revista de IES pública	Sem víncu-lo	
Norte	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Nordeste	-	-	02	-	01	01	-	-	-	02
Centro-Oeste	-	-	-	01	01	-	-	-	-	01
Sudeste	01	-	-	-	-	-	-	01	-	01
Sul	02	01	02	-	01	01	01	-	02	05
Total	**03**	**01**	**04**	**01**	**03**	**02**	**01**	**01**	**02**	**09**

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

As pesquisas, em sua maioria, estão concentradas na Região Sul, sendo 2 (dois) artigos – Dotta e Garcia (2022), Ferreira e Vilela (2024) –, 2 (duas) dissertações – Dotta (2022) e Rosa (2024) – e 1 (um) capítulo de livro (Oliveira; Silva, 2024), totalizando 05 (cinco) produções. Em seguida, a Região Nordeste conta com 2 (duas) dissertações: Soares (2023) e São Pedro (2024). Tanto a Região Centro-Oeste quanto a Região Sudeste possuem uma produção: uma tese (Borges, 2019) e um artigo (Oliveira; Araújo, 2021), respectivamente. Por fim, não encontramos produções na Região Norte.

[3] Consideramos as Instituição de Ensino Superior dos Programas de Pós-Graduação, no caso de Dissertações e Teses, e das Revistas e Editoras, no caso de Artigos e Capítulos de Livro.

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

Observamos que todos esses trabalhos foram feitos por pesquisadores/as que trabalham e/ou foram formados por IES públicas, embora algumas publicações sejam em revistas vinculadas a instituições privadas (Dotta; Garcia, 2022) ou em veículos que não possuíam vínculos com instituições de ensino superior, como os trabalhos de Oliveira e Silva (2024) e de Ferreira e Vilela (2024).

3.2 Análise qualitativa das produções

Durante a leitura na íntegra das produções selecionadas, identificamos duas categorias de trabalhos baseadas no escritor da Carta Pedagógica: i) os educandos da EJA ou, ii) os docentes da EJA. Consideramos condizente não restringir nossas reflexões apenas às pesquisas nas quais as Cartas Pedagógicas foram escritas pelos discentes, isto pois o processo de ensino-aprendizagem freiriano é concretizado na relação dialógica entre docente e discente (dodiscência). Portanto, em seguida trataremos de ambas as categorias: as produções acadêmicas sobre cartas dos educandos da EJA e as produções acadêmicas sobre as cartas dos docentes da EJA, respectivamente.

3.3 As Produções Acadêmicas sobre Cartas dos Educandos da EJA

A tese “Chá de Cartas: Memórias de Estudantes da EJA em Cena”, de Borges (2019), buscou estudar a escrita autobiográfica e a construção dramatúrgica através desse material com educandos da modalidade EJA de uma Escola do Campo. A pesquisadora corrobora com o desejo de Arroyo (2017) de não somente reconhecer os estudantes da EJA como trabalhadores, mas de possibilitar a eles, por meio da educação, o seu autoconhecimento e reconhecimento de suas condições de trabalho, que influenciam diretamente em sua permanência na escola.

Nesse contexto, as Cartas Pedagógicas foram utilizadas como meio de expressão do grupo, isto é, auxiliaram na escuta e estudo das narrativas dos estudantes da EJA. Em um primeiro contato com o gênero, os conteúdos das cartas transitaram entre as dificuldades de cursar a EJA acrescidas das dificuldades em cursar a EJA do campo: o cansaço físico, desvalorização salarial e falta de segurança nas comunidades são as principais temáticas (Borges, 2019).

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

A autora descreve que realizou Círculos de Cultura com as Cartas Pedagógicas com o tema o direito da Educação. Nas cartas, os participantes da pesquisa escreveram os motivos que os levaram a abandonar as escolas quando criança (problemas familiares, machismo, situação econômica precária, problemas com a lei, violência doméstica e abuso de drogas) e, descreveram também como retornaram à escola (esperança em mudança da condição socioeconômica a partir dos estudos, bem como a visão da EJA como um espaço de socialização e fuga de problemas). Ao final de sua pesquisa, algumas Cartas Pedagógicas integraram a peça “Chá de Cartas” da pesquisadora, que contava as contradições sociais, culturais e históricas que perpassam as trajetórias da classe trabalhadora e suas dificuldades de acesso e permanência na escola (Borges, 2019).

Dotta (2022) também explorou o direito à educação e as dificuldades encontradas pelos sujeitos da EJA em sua dissertação “As vozes dos Egressos da EJA no Ensino Superior: as Cartas Pedagógicas como possibilidade de diálogo”. Dessa dissertação nasceu o artigo “Cartas Pedagógicas: uma inspiração freiriana” (Dotta; Garcia, 2022), que focou nas análises das Cartas Pedagógicas dos universitários egressos da EJA. Dado que ambos apareceram em nossa pesquisa de revisão de literatura, eles foram analisados de maneira conjunta.

A autora elencou as Cartas Pedagógicas como metodologia de pesquisa e solicitou aos participantes da pesquisa, egressos da EJA, para escreverem duas Cartas Pedagógicas. A primeira carta deveria conter a trajetória escolar desses alunos na EJA e seus processos de ingresso no Ensino Superior. A segunda carta, por sua vez, deveria ser dirigida aos atuais estudantes da EJA (Dotta, 2022). Os escritos revelaram bons sentimentos para com a EJA. Os educandos denunciaram os preconceitos que sofreram na posição de estudantes os quais fizeram com que se sentissem envergonhados em fazer a EJA. Por fim, escreveram sobre como sentem-se “atrasados” em relação aos demais (Dotta, 2022).

Respaldada em Paulo Freire, Dotta (2022) revela que sua escolha pelas Cartas Pedagógicas ocorreu pelo fato de as cartas aproximarem duas gerações de educandos da EJA de modo que os universitários inspiraram os educandos a continuarem seus estudos depois que se formaram na EJA. A dissertação de Dotta (2022) é oriunda de um Programa de Mestrado Profissional, logo, o produto produzido foi um *e-book* de Cartas Pedagógicas destinado aos sujeitos da EJA contendo os

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

resultados da pesquisa. As Cartas Pedagógicas foram publicadas na íntegra, assim como trechos das entrevistas, instruções para a realização de Círculos de Cultura e informações acerca de direitos e possibilidades de continuidade dos estudos para os estudantes da EJA.

De maneira semelhante, Rosa (2024) buscou compreender o impacto e influência da EJA na formação de estudantes mulheres, bem como os desafios e incentivos para o acesso à Universidade. Sua dissertação “Cartas às mulheres: a EJA e o acesso à Universidade” (Rosa, 2024) foi desenvolvida com Cartas Pedagógicas de seis universitárias mulheres do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) egressas da EJA. A autora elencou o “estudo de caso” como escolha metodológica. Para a autora, as Cartas Pedagógicas permitiram a humanização dos dados e contribuíram para a identificação dos entrevistados: não eram “objetos” da pesquisa, mas “sujeitos” (Rosa, 2024).

As mulheres participantes escreveram sobre as dificuldades em dar continuidade aos estudos na idade estipulada: a necessidade de trabalhar, a chegada de filhos e a sobrecarga de trabalhos domésticos foram as principais causas que as levaram a abandonar os estudos (Rosa, 2024). Seus relatos revelam que encontraram a oportunidade de retomar os estudos na EJA, mesmo que envergonhadas pela “idade avançada” ou desestimuladas por pessoas próximas que afirmavam que o ensino da EJA era “fraco demais” (Rosa, 2024). Por ser uma dissertação de um Programa de Mestrado Profissional, os produtos de sua pesquisa foram um *podcast* e um *e-book,* ambos utilizados para partilhar as histórias das mulheres egressas do EJA que participaram da pesquisa (Rosa, 2024).

Oliveira e Araújo (2021) apresentaram uma experiência de ensinar aprender[4] entre docente e educanda de uma turma de alfabetização da EJA. O artigo O fio e a missanga: pensando a formação docente a partir de narrativas de experiência na alfabetização de jovens e adultos de (Oliveira; Araújo, 2021) objetivou refletir sobre o papel da experiência e narrativa na formação docente e, metodologicamente, configurou-se como uma pesquisa narrativa e (auto)biográfica.

[4] Interpretamos a opção dos autores (Oliveira; Araújo, 2021) pela junção dos termos como um rompimento entre as separações entre ensinar e aprender, semelhante às escolhas semânticas do próprio Paulo Freire.

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

Diferente das demais pesquisas, esse trabalho com Carta Pedagógica surgiu com um pedido de uma estudante que queria escrever uma carta ao seu irmão. Embora o texto não empregue o termo “Carta Pedagógica”, verificamos que a carta continha os elementos comuns ao gênero ligados tanto ao sentimento de saudades do irmão quanto à vontade de partilhar as novidades de sua vida, incluindo as aulas da EJA (Oliveira; Araújo, 2021). Em suas considerações finais, Oliveira e Araújo (2021) refletiram sobre os processos dialógicos nos quais as relações de ensino aprendizagem são construídas e como docentes também aprendiam com os educandos: a máxima freiriana da docência foi vivenciada pelos pesquisadores.

Por fim, Ferreira e Vilela (2024) escreveram o artigo “Memória de vida: a importância das narrativas autobiográficas dos estudantes da EJA” a partir de uma pesquisa narrativa com professores e educandos de um centro profissionalizante de Santo André/SP. Seu objetivo foi promover a inclusão discente nas práticas pedagógicas. A pesquisa, que iniciou com a escrita de Cartas Pedagógicas em sala de aula, também culminou na publicação de um livro com as narrativas autobiográficas dos educandos e suas reflexões acerca do papel social da escola (Ferreira; Vilela, 2024). Por ser uma turma com analfabetos e pessoas com necessidades especiais de aprendizagem, os docentes atuaram como escribas quando necessário. Ainda, com o avanço da pesquisa, os professores sentiram-se motivados a escreverem suas próprias Cartas Pedagógicas, contendo sua trajetória profissional e suas significações acerca da docência (Ferreira; Vilela, 2024). O movimento da escrita proporcionou momentos de debates acerca da imagem pessoal e a objetificação dos estudantes, isto é, o não reconhecimento dele enquanto sujeito portador de cultura (Ferreira; Vilela, 2024). Para os educandos e professores, a escrita libertou-os.

Percebemos nas pesquisas de Borges (2019), Dotta (2022), Dotta e Garcia (2022) e Rosa (2024) o trabalho com os estudantes da EJA sobre o reconhecimento e reafirmação do direito deles à educação, problematizaram a ideia de a educação ser um privilégio de alguns, algo que lemos em Pedagogia do Oprimido (Freire, 2021d). Ademais, em todas as pesquisas, a escrita das Cartas Pedagógicas permitiu que os educandos (re)pensassem suas realidades concretas e denunciassem as mazelas através de reflexões sobre os caminhos percorridos até a sala de aula.

Vemos em Freire (1982) que a leitura do mundo é anterior à leitura da palavra, por isso que a aquisição da escrita – e, nesse caso, a escrita da Carta Pedagógica –

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

configura no registro das reflexões que estes educandos já realizavam mesmo que inconscientemente. Em seguida, abordaremos as pesquisas em que as Cartas Pedagógicas foram produzidas pelos docentes dessa modalidade.

3.4 As Produções Acadêmicas sobre Cartas dos Docentes da EJA

Iniciamos com a dissertação de Soares (2023), intitulada “Saberes e Práticas Pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos: um Estudo na Rede Estadual de Campo Maior - PI”, que objetivou compreender como os saberes dos profissionais da EJA influenciam a prática pedagógica escolar. O pesquisador desenvolveu uma pesquisa narrativa com os professores do Ensino Médio de uma escola EJA e utilizou as Cartas Pedagógicas como instrumento de coleta de dados (Soares, 2023). Para o autor, as Cartas Pedagógicas fizeram os docentes entenderem o contexto escolar a partir dos “saberes advindos de suas experiências de vida legitimados pelos saberes da academia” (Soares, 2023, p. 41). A partir dos conteúdos das Cartas Pedagógicas, os saberes docentes foram construídos através das vivências em sala de aula.

A dissertação “A Epistemologia Decolonial e os Pressupostos de Autonomia Freiriana na Formação de Professores da EJA: A (re)existência e resistência das culturas negadas” de São Pedro (2023) crítica aos currículos desta modalidade e denuncia as práticas coloniais na formulação curricular, isto é, a imposição da cultura dominante – e, portanto, única capaz de ser intelectual – em detrimento das culturas populares. Com o objetivo de analisar como a formação de professores contribui para a existência de culturas na EJA e de discutir a relevância desse profissional na “decolonização” das práticas pedagógicas, São Pedro (2023) utilizou as Cartas Pedagógicas com professores da EJA de uma escola pública em Salvador/BA para entenderem como ocorreriam suas trajetórias até aquela modalidade de ensino.

Os resultados apontaram que uma parcela significativa do corpo docente não havia escolhido lecionar na EJA e foram trabalhar nesta modalidade para completar sua carga horária (São Pedro, 2023). Eles reclamavam da falta de formação técnica e acadêmica voltadas às particularidades da EJA, algo que São Pedro (2023) atribui ao fato de a escola pública estar historicamente em falta com as necessidades educacionais dos grupos populares.

As experiências na EJA foram marcadas por desafios, mas, conforme apontavam os resultados de São Pedro (2023), os docentes optaram por insistir,

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

acreditar na importância de sua atuação e, principalmente, esperançar. A decolonialidade foi acolhida pelos docentes, participantes da pesquisa, por entenderem como uma perspectiva que permitiu o trabalho dos conteúdos programados atrelados à realidade concreta do educando (São Pedro, 2023).

O capítulo de livro "'Esperançar' em tempos de Pandemia na Formação de Professores da EJA, na cidade de Manaus" de Oliveira e Silva (2024) debateu acerca da prática formativa de um curso de pós-graduação *lato sensu* de formação docente por meio de sua pesquisa narrativa com professores pós-graduandos, no período de 2020 a 2021, que atuavam na EJA. As pesquisadoras escolheram as Cartas Pedagógicas por acreditarem em uma educação dialógica freiriana, pois esse gênero "não apenas estimula a comunicação, a reflexão, a criticidade, mas promove também a criatividade, a ação sobre a realidade, ou seja, a transformação criadora" (Oliveira; Silva, 2024, p. 21).

Os conteúdos das Cartas Pedagógicas revelaram as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação durante a pandemia de Covid-19, com ênfase na complexidade da atuação com estudantes da EJA. Os professores relataram em suas Cartas Pedagógicas os esforços da comunidade escolar em alcançar o educando desta modalidade – que, em suas palavras, "desapareciam" sem dar notícias – ao passo que o Governo se preocupava somente em fiscalizar as métricas de aprendizagem, ignorando as problemáticas que cerceavam aquela escola (Oliveira; Silva, 2024).

De modo geral, as pesquisas que utilizaram as Cartas Pedagógicas com docentes da EJA apresentam denúncias sobre a falta de formação continuada voltada para esta modalidade de ensino. Para Soares (2023) e São Pedro (2023) o Estado está em falta para com este grupo de educandos, segundo os resultados de suas pesquisas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Cartas Pedagógicas mostram-se possibilidades interessantes nas práticas educativas na EJA pois, como atestam as pesquisas, elas representam um espaço de reflexão crítica e dialógica acerca dos seus espaços no mundo, dos seus papéis sociais na História e da importância da Educação.

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

O objetivo desta pesquisa foi analisar o uso das Cartas Pedagógicas em pesquisas na Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Os resultados revelaram que, mesmo em posições diferentes, educandos e docentes realizaram em suas escritas denúncias das opressões (condições de trabalho precárias, currículos descontextualizados, escassez de formações, dificuldades socioeconômicas, o cotidiano pandêmico, entre outras) e anúncios de esperança (a possibilidades da EJA, o desejo por uma vida melhor via a educação, o gosto pelo estudar e suas lutas para garantir um amanhã melhor). Os estudos com as Cartas Pedagógicas na EJA revelaram escritas autorais, criativas e libertadoras. Esses aspectos podem ser observados desde os títulos das pesquisas, até a forma com as quais os pesquisadores utilizaram o gênero freiriano no cotidiano de seus trabalhos.

As Cartas Pedagógicas têm sido utilizadas para fomentar a escrita autoral e as interações docentes-discentes, principalmente na posição de coleta de dados pelos pesquisadores. As práticas pedagógicas que envolveram as Cartas Pedagógicas possibilitaram conhecer e valorizar as trajetórias de vida e profissionais de educandos e docentes, reconhecendo suas histórias nas pesquisas, bem como incitaram debates acerca do reconhecimento do direito à educação e das políticas educacionais contemporâneas à modalidade.

Esta temática de Cartas Pedagógicas não está esgotada. Após a pandemia do Covid-19, muitos pesquisadores, principalmente estudiosos de Paulo Freire retornaram a escrita de cartas nas salas de aula, mas ainda são necessários mais estudos e pesquisas para valorizar a importância desse gênero textual na educação.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

BORGES, Rayssa Aguiar. **Chá de Cartas**: Memórias dos Sujeitos da EJA em Cena. 2019. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/37058. Acesso em: 14 set. 2025.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 17 set. 2020.

COELHO, Edgar Pereira. Correspondência e Categorias Freirianas. *In*: COELHO,

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

Edgar Pereira. *Pedagogia da Correspondência*: Paulo Freire e a Educação por Cartas e Livros. Brasília: Liber Livro, 2011. p. 45-74.

DICKMANN, Ivanio. As dez características de uma Carta Pedagógica. *In*: PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo (orgs.). **Cartas Pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. Chapecó: Livrologia, 2020. p. 37-53.

DOTTA, Carla Luz Salaibb. **As vozes dos Egressos da EJA no Ensino Superior**: as Cartas Pedagógicas como possibilidade de diálogo. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Osório, 2022. Disponível em: https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/2217. Acesso em: 14 set. 2025.

DOTTA, Carla Luz Salaibb; GARCIA, Elisete Enir Bernardi. Cartas Pedagógicas: uma inspiração freireana. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 1, p. 69-84, 2022. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/16045. Acesso em: 14 set. 2025.

FERREIRA, Alexandra Henrique; VILELA, Elaine Gomes. Memória de vida: a importância das narrativas autobiográficas dos estudantes da EJA. **Revista Foco, Curitiba**, v. 17, n. 3, p. 1-12, 2024. Disponível em: https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/4712. Acesso em: 14 set. 2025.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982. Disponível em: https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/A-Importancia-do-Ato-de-Ler-Paulo-Freire.pdf. Acesso em: 21 nov. 2024.

FREIRE, Paulo. Educação de Adultos, Hoje: Algumas reflexões. *In*: FREIRE, Paulo. **Política e Educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 16-17. Disponível em: https://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/politica_educacao.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: Reflexões sobre minha vida e minha práxis. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021d.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: Cartas Pedagógicas e outros escritos. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; Tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

OLIVEIRA, Daniel de; ARAÚJO, Mairce. O fio e a missanga: pensando a formação docente a partir de narrativas de experiência na alfabetização de jovens e adultos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 37, p. 1-11, 2021. Disponível em: scielo.br/j/edur/a/Vpwgp9YFTgLWVgNXkSqWqrR/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 15 set. 2025.

OLIVEIRA, Maria Olindina Andrade de; SILVA, Therêncio Correâ da. "Esperançar" em tempos de Pandemia na Formação de Professores da EJA, na cidade de Manaus. *In*: ALMEIDA, Flávio Aparecido de Almeida (org.). **Educação popular, política e social***:* educando para a liberdade sobre a perspectiva de Paulo Freire. 2. ed. Guarujá: Científica Digital, 2024. p. 53-70. Disponível em: https://downloads.editoracientifica.com.br/books/978-65-5360-661-6.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

PAIVA, Vanilda Pereira**. Educação Popular e Educação de Adultos**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Carta Pedagógica para nossos Diálogos Escritos: O Esperançar Freireano em tempos sombrios e turbulentos. *In*: PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de; MARTINELLI, Telma Adriana Pacífico; MACHADO, Maria Cristina Gomes (orgs.). **Saberes compartilhados em Cartas Pedagógicas***:* múltiplas aprendizagens. São Carlos: Pedro e João Editores, 2023. p. 35-40.

ROSA, Eliane Caetano da. **Cartas às mulheres**: a EJA e o acesso à Universidade. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2024. Disponível em: https://repositorio.unipampa.edu.br/jspui/handle/riu/9662. Acesso em: 15 set. 2025.

SÃO PEDRO, Ivana Patrícia Sena de. **A Epistemologia Decolonial e os pressupostos de Autonomia Freiriana na Formação de Professores da EJA***:* a (re)existências e resistência das culturas negadas. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2023. Disponível em: https://saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/6091. Acesso em: 15 set. 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Teoria e prática científica. *In*: SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2017. p. 74-96.

SOARES, Francisco das Chagas da Paz. **Saberes e Práticas Pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos**: um estudo na rede estadual de Campo Maior – PI. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufpi.br:8080/xmlui/handle/123456789/3593. Acesso em: 15 set. 2025.

SOUZA, Cléia Renata Teixeira; PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira. A Educação de

DOI: https://doi.org/10.47209/1b66fk89

Jovens e Adultos: relações com a Educação Popular e Educação Social. *In*: CAMOS, Jorge; FOLGAR, Letícia; MARTINIS, Pablo; MORALES, Marcelo; RAMOS, Patrícia; RODRÍGUEZ, Dalton (orgs.). **Pedagogia Social e Educação Social**: reflexões sobre as práticas educativas no Brasil e Uruguai. Montevideo: UMTEC, 2016, p. 135-147.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve História sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR On-line***,* Campinas, v. 10, n. 38, p.49-59, 2010. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639689. Acesso em: 17 out. 2025.

Recebido em: 24/11/2025
Aceito em: 19/05/2026
Publicado em: 17/06/2026

Este conteúdo está licenciado sob uma Licença Creative Commons BY-NC-AS 4.0